Componente curricular: HISTÓRIA

7º ANO – 4º BIMESTRE

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 12 – O que os jesuítas viram

OBJETIVO ESPECÍFICO

* Reconhecer as formas de contato entre indígenas e jesuítas nos primórdios da colonização por meio dos documentos escritos por jesuítas.

OBJETO DE CONHECIMENTO

Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa.

HABILIDADE

EF07HI10: Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.

PLANEJAMENTO DAS AULAS

Aula 1

O objetivo desta aula é estudar alguns escritos do jesuíta Manuel da Nóbrega, em especial sobre os indígenas.

Inicie a aula informando aos estudantes que os diferentes grupos indígenas que habitavam as terras que hoje compreendem o Brasil são chamados de sociedades ágrafas, isto é, não possuíam um sistema de escrita. Isso não quer dizer que aquelas sociedades não contassem e não guardassem a própria história. Ao contrário: os diferentes grupos indígenas valorizavam a oralidade e destacavam-se por contar e repassar a história de seu povo de geração em geração.

Entretanto, como afirmou o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927),

“Das suas lendas, que às vezes os conservavam noites inteiras acordados e atentos, muito pouco sabemos: um dos primeiros cuidados dos missionários consistia e consiste ainda em apagá-las e substituí-las.”

ABREU, Capistrano. Capítulos da história colonial. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. Biblioteca Básica Brasileira. p.22.

Compartilhe com os estudantes esse trecho de Capistrano de Abreu. Pergunte a eles por que, segundo esse historiador, não conhecemos muitas das histórias indígenas. Ao responder, eles devem considerar que os missionários, isto é, os jesuítas, principalmente, cuidaram de apagar e substituir essas histórias, ou seja, passaram a contar a eles novas histórias, as que eles conheciam e nas quais acreditavam.

No começo do período colonial, pode-se dizer que os jesuítas e os padres eram quase que as únicas pessoas letradas. Os colonos, em sua maioria, eram analfabetos. Assim, a maior parte dos documentos que conhecemos sobre esse período, com exceção dos oficiais (produzidos por funcionários ou indicados pelo governo) foram produzidos pelos jesuítas. De acordo com as normas da Companhia de Jesus, os missionários deveriam escrever cartas a seus superiores, dando conta do seu trabalho na área da missão. Assim fez o padre Manuel da Nóbrega quando chegou ao Brasil.

Informe aos estudantes que Manuel da Nóbrega nasceu em Portugal em 1517. Estudou na Universidade de Salamanca, na Espanha, e bacharelou-se em direito canônico em 1539, em Coimbra, Portugal. Em 1544, entrou para a Companhia de Jesus.

Apresente aos estudantes um pequeno trecho de uma carta escrita por Nóbrega a um de seus superiores, o padre Simão Rodrigues de Azevedo, em 1549 (logo que chegou ao Brasil):

“O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem eschola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os Índios desta terra, os quaes têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo.”

CARTA de Manuel da Nóbrega ao padre Simão Rodrigues de Azevedo. Bahia, 1549. In: FARIA, Marcos Roberto de. Tópicos em educação nas cartas de Manuel da Nóbrega: entre práticas e representações (1549-1559). *Revista HISTEDBR On-line*. n. 24, dez. 2006. p. 67.

Depois da leitura dos estudantes, pergunte a eles: De acordo com a carta de Nóbrega, o contato dos missionários com os indígenas foi hostil ou amistoso? Em seguida, dê continuidade à aula informando aos estudantes que, entre os anos de 1556 e 1557, o padre Manuel da Nóbrega escreveu também uma obra literária: *Diálogos sobre a conversão do gentil*. Na obra, dois padres conversam sobre a possibilidade de cristianização dos indígenas. Compartilhe com os estudantes o trecho a seguir:

“Gonçalo Alvarez: Por demais hé trabalhar com estes; são tão bestiais, que não lhes entra no coração cousa de Deus; estão tão encarniçados em matar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregar a estes, hé pregar em deserto de pedras.

Matheus Nugueira: Se tiveram rei, poderão-se converter, ou se adoram alguma cousa; mas como nam sabem que cousa hé crer nem adorar, não podem entender ha pregação do Evangelho, pois ella se funda em fazer crer e adorar a hum soo Deus, e a esse só servir; e como este gentio nam adora nada, nem cree nada, todo o que lhe dizeis se fique nada.”

NÓBREGA, Manuel. *Diálogos sobre a conversão do gentil*. São Paulo: MetaLibre, 2006. p. 2.

Para encerrar a aula, proponha aos estudantes a redação de uma carta sob a perspectiva dos indígenas. Ou seja: se eles fossem indígenas, o que eles diriam a um amigo, também indígena, a respeito dos jesuítas? A carta deve ser curta, para que haja tempo de ouvir as mensagens de todos os estudantes.

Aula 2

O objetivo desta aula é apresentar aos estudantes e discutir com eles mais um documento produzido por religiosos narrando os costumes dos indígenas nos primeiros tempos da colonização.

O documento a ser analisado é um trecho do *Sermão do Espírito Santo*. O autor é o padre Antônio Vieira. Ele apresentou esse sermão numa igreja da Companhia de Jesus, em São Luís do Maranhão, para os missionários que partiriam para o Amazonas.

Entretanto, antes de apresentar o trecho do documento aos estudantes, peça a eles que façam uma pequena pesquisa, na internet, sobre o padre Antônio Vieira (1608-1697). Ele era chamado de *Paiaçu* – o grande pai – em razão de sua defesa dos povos indígenas. Ele também se posicionava contra a escravidão e a Inquisição. Nascido em Lisboa, veio para o Brasil ainda criança. Estudou no colégio jesuíta de Salvador e trabalhou como professor no colégio jesuíta de Olinda. Em 1640, viajou para Portugal. Seus sermões e pregações atraíam centenas de pessoas. Treze anos depois, voltou ao Brasil e se envolveu na missão do Maranhão. Foi perseguido pelos escravagistas e pela Inquisição. Viajou outras vezes para a Europa, mas sempre voltou para o Brasil, até que morreu em Salvador, aos 89 anos.

O trecho da obra do padre Antônio Vieira a ser apresentado aos estudantes é o seguinte:

“Há outras nações, pelo contrário — e estas são as do Brasil —, que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram. É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas: uma vez, que lhes corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez, que lhes cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez, que lhes decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das ações e costumes bárbaros da gentilidade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural, e compostura dos ramos.”

VIEIRA, Antônio. Sermão do Espírito Santo. Disponível em: <<http://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.%20fflch.usp.br/files/SERM%C3%83O%20DO%20ESP%C3%8DRITO%20SANTO.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

Leia o texto com os estudantes, quantas vezes forem necessárias, lembrando que se trata de um texto do século XVII e escrito por um homem culto. Possivelmente os estudantes não o compreenderão de uma só vez, embora possa haver uma compreensão intuitiva. Verifique as palavras ou expressão desconhecidas da turma. Por exemplo: a imagem-chave desse texto é “a estátua de murta”. Trata-se daquelas figuras esculpidas em plantas. O padre Vieira compara a catequização dos indígenas ao trabalho do jardineiro que esculpe as figuras nas plantas. Se ele se descuidar, a planta cresce (por seu instinto natural) e a figura é desmanchada, fazendo com que a planta volte aos velhos hábitos. Ou seja, segundo o padre, os indígenas eram dóceis, porém difíceis de controlar, pois poderiam retornar, a qualquer momento de descuido, à sua natureza e aos seus costumes.

Peça aos estudantes que identifiquem uma ou mais frases que expliquem a ideia central do texto. É esperado que eles destaquem o trecho seguinte: “[...] recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram.”

AVALIAÇÃO FINAL DAS ATIVIDADES REALIZADAS

Apresente a seguinte questão aos estudantes:

* Lendo os escritos do padre Manuel da Nóbrega e do padre Antônio Vieira, você percebeu que os jesuítas tiveram dificuldades em catequizar os indígenas e fazê-los adotar novos costumes. Você considera que a recusa dos indígenas em adotar novos costumes pode ser chamado de “resistência”? Explique.

Gabarito

É esperado que os estudantes percebam que a recusa consciente ou inconsciente diante de novas crenças e costumes pode ser uma forma de resistência, mostrando, inclusive, a vontade de preservar a própria cultura.

AUTOAVALIAÇÃO

Sugerir que os estudantes respondam às seguintes questões, conforme a tabela:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Durante as aulas, eu:** | **SIM** | **NÃO** |
| Colaborei para as discussões de maneira positiva? |  |  |
| Li os textos apresentados pelo professor tentando interpretar e compreender os significados? |  |  |
| Participei das pesquisas, debates e reflexões sugeridas pelo professor? |  |  |